

CORPOS DÓCEIS E SEUS PRESSUPOSTOS COERCITIVOS¹

Francisco Rita de Araújo²

Jaciane Martins Ferreira³

RESUMO

Em “Emilio, ou da educação”, temos a personagem fictícia de Emilio, um órfão de família rica. O autor (Rousseau) o tem como um pupilo, instigando-o ao crescimento intelectual, mas de uma forma diferente ao formato de educação vigente, propõe uma educação negativa. Objetivamos, nesse trabalho, analisar, sob o viés discursivo, as formas de objetivação e subjetivação que compõem a construção do sujeito em “Emilio, ou da Educação”. De acordo com Foucault (2009), há uma necessidade de transformar o homem em ‘corpos dóceis’ e romper com o velho paradigma do suplício do corpo, há a criação de novos corpos. Pensaremos, portanto, a construção desse sujeito, no âmbito desse livro. Como aporte metodológico, usaremos o pressuposto teórico sobre o enunciado.

Palavras-chave: Educação, natureza, consciência, coerção, mecanismos e corpo.

ABSTRACT

In "Emilio, or of the education," we have the fictional character of Emilio, a rich family orphan. The author has him as a pupil, instigating him to intellectual growth, but in a different way from the current education format, proposes a negative education. We aim, in this text, to analyze, under the discursive vision, the forms of objectification and subjectivation that compose the construction of the subject in "Emilio, or of the Education." According to Foucault (2009), there is a need to transform man into 'docile bodies' and break with the old paradigm of body torture, there is the creation of new bodies. We will therefore think of the construction of this subject within the scope of this book. As a methodological contribution, we will use the theoretical assumption about the statement.

Keywords: Education, nature, consciousness, coercion, mechanisms and body.

Introdução

No século XVIII, com os fundamentos da Revolução Francesa, Rousseau sente a necessidade de transformação ou mudança da educação vigente. Porque, naquela época, a criança a ser educada era tida como um adulto em miniatura, onde todos os saberes eram passados a ela e de uma forma impositiva pautada no filtro moral da época— a criança era pensada como uma tábua rasa. Todo o conhecimento era depositado nela, o tutor ou professor era o mantenedor do conhecimento. Só era considerado conhecimento a Filosofia e as demais

1 Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de especialista.
2 Aluno regularmente matriculado no curso de especialização em Humanidades.
3 Professora Doutora em Estudos Linguísticos

Ciências condizentes com paradigmas universais.

O pensamento rousseauiano é adepto ao pensamento da Revolução Francesa. Um exemplo é que mudamos de concepção em relação a muita coisa, por exemplo: a divindade do Rei, a veracidade das teorias científicas – teocentrismo e etc. Assim, nasce com o negativismo rousseauiano. Negativa em relação à educação vigente.

A pedagogia proposta por Rousseau parte do conhecimento significativo e empírico, como um processo natural de aprendizagem.

Como tudo que entra no entendimento humano chega pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão sensitiva; é ela que serve de base à razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos e nossos olhos. Substituir tudo isso por livros não é ensinar-nos a raciocinar, é ensinar-nos a empregar a razão de outrem; é ensinar-nos a acreditar muito e a nunca saber nada (ROUSSEAU, 2017. p.145).

Nada de teorias universais, nada de mundo das ideias. Platônico é somente o conhecimento empírico e particular. É esse conhecimento que será vivenciado pelo pupilo (aluno), o pupilo não se resumirá apenas à eloquência fútil. O que o autor propõe é que o pupilo tenha uma inteligência prática.

Em todo o livro “*Emílio ou da Educação*” encontramos métodos que nos mostram indícios de ensino supostamente correta segundo Rousseau, ou seja, partindo de pressupostos particulares e permanecendo nesses mesmos pressupostos. Não devemos avançar um passo sequer para o universal, sem antes o aluno presenciar o conhecimento. O aluno deve sentir/presenciar o conhecimento a partir de práticas cotidianas. De acordo com este Filósofo, o papel da educação é mostrar o lado belo da humanidade, o ser humano em seu estado natural. Então, a educação deve facilitar “em oposição à tendência social ao egoísmo, o amor do gênero humano, fundamental para o funcionamento da máquina social” (ROUSSEAU, 2017. p.18).

Vale salientar, que a educação negativa rousseauiana começa a partir do berço. É nessa fase, que a necessidade trabalha em prol da educação. A natureza age e essa ação natural será utilizada para a educação do aluno. Toda educação parte de causas particulares e naturais por exemplo: se o aluno tem fome, leve somente o suficiente para satisfazê-lo. Se o aluno sente frio, deixe-o pedir um agasalho para manter-se aquecido (quando já faz uso da razão).

A educação negativa será voltada para práticas cotidianas. “O argumento de Rousseau é de que os livros ensinam a falar do que não se sabe, substituindo as coisas pelas representações” (ROUSSEAU, 2017. p.16). Dessa forma, os mestres também devem se preparar para uma nova roupagem de educação. Trabalho árduo segundo a tese rousseauiana.

Nessa educação significativa, Emílio terá um trabalho. Esse será um ensino técnico em trabalho manual ou artesanal, concomitantemente aos ensinamentos pedagógicos. Esse trabalho é para Emílio vivenciar a transformação de um estado a outro dos elementos e valorizar o pequeno artesão, numa ideia de não menosprezar os trabalhos ditos como inferiores. Aqui o pupilo terá uma visão social igualitária da valorização do ser humano. É preciso que este novo “homem” na pele de Emílio não esqueça jamais sua natureza (o ser humano em seu estado de natureza) que é boa, portanto, o ser humano é bom por natureza. É a sociedade que o corrompe. Rousseau deixa claro que sua intensão não é apenas uma mudança de paradigma educacional, mas também uma crítica aos filósofos que gastaram suas vidas em formular teorias universais que nada resolvem.

A intenção do livro “*Emílio ou da Educação*” é uma reorganização social, onde o jovem Rei (Emílio se tornará Rei) seria capaz de governar com mais justiça seu povo. Porque foi extremamente formado para isso. Em toda a educação do garoto Emílio, as forças coercitivas se fazem presentes constantemente. E é esta formação significativa partindo de premissas particulares, que leva o pupilo a conhecer algo de verdadeiramente. Ao contrário das elucubrações filosóficas acerca de teorias universais.

É, pois, a experiência vivenciada pela criança que lhe traz ensinamentos; sua educação deve se compor menos de preceitos que de exercícios. Por meio desse método, não se ensina a virtude ou a verdade, mas se protege o coração do vício e o espírito do erro. Essa é a essência da educação negativa. (ROUSSEAU, 2017. p.13).

Rousseau em sua tese consegue transformar o pupilo em um monarca bem sucedido. Capaz de resolver todos os problemas do meio social, porque o Emílio que veio do povo conhece a fundo a organização da sociedade. O filósofo consegue provar que seu aprendiz será o melhor monarca já existente. É por isso que a educação negativa faz-se necessária.

É preciso, portanto, formar um homem capaz de querer o bem de todos, isto é, um homem que domine suas paixões e siga sua consciência. Trata-se de um homem que se mantém, na medida do possível, fiel a sua natureza, mas que encontra, sob o império da lei, o meio de conferir moralidade a suas ações. (ROUSSEAU, 2017. p.29).

Percebemos que o processo de subjetivação do corpo social, visto que Emílio é o corpo social, se dá a todo instante e de várias maneiras. E de fato, é muito sutil! Sutil o suficiente para não percebermos e considerar que tudo isso é parte de nossa existência ou seja, isto seria natural do ser humano. No entanto, Emílio está sendo constantemente subjetivado.

Aqui, há a subjetivação do corpo social a um sistema político porque “a construção, etapa por etapa, da sociabilidade do jovem conduz ao exercício de uma forma possível de cidadania” (ROUSSEAU, 2017. p.29).

Pressupostos teórico-metodológicos

Na obra “Vigiar e Punir”, Michel Foucault (2009) aborda a objetivação do sujeito a partir de práticas divisórias. Neste livro, o poder é visto como um sistema de rede, como um feixe de relações que acontece de todos os lados e com todos. Até o século XVIII, segundo o referido autor, este poder teria como função punir, ato exercido principalmente pelo soberano. Trata-se de suplício/tortura, práticas de punição corporais:

Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757, a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris (onde devia ser) levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; (em seguida), na dita carroça, na Praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atezado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento. (FOUCAULT, Michel. 2009, p. 09).

De acordo com Foucault (2009), a ideia desse corpo supliciado que recebe todo tipo de punição vai perdendo força já no final do século XVIII, em vez de punir o corpo pretende-se punir a alma. O espetáculo funesto já não é tão necessário, uma vez que a intenção de fazer o que é certo para não ser punido é mais concreto do que o próprio ato da punição. Foucault (2006) explica sobre a mudança do poder soberano para o poder pastoral. Enquanto o rei, usando também seu corpo como uma função, se ocuparia de todo o rebanho, o pastor o faria de forma individual.

As práticas punitivas, mencionadas por Foucault (2009), se dão com características mais racionais. Com elas nascem, também, os mecanismos de controle. Perguntamo-nos, então: o que seriam esses mecanismos? O filósofo francês aponta instituições que até então não eram vistas como espaço de poder, por exemplo: a família, a medicina psiquiátrica na forma dos manicômios, asilos, exércitos e escolas são lugares de disciplinamento. Nessa linha, os mecanismos de controle, que exercem esse poder sutil, estão por toda parte, nos demonstrando um tipo de poder invisível e que vem de todos os lados. Não somente do Governo apresentado na forma de punição, mas exercido para todos e de todos. (FOUCAULT, 2009).

Dessa forma, a sociedade disciplinadora não ocorre somente na figura do Estado, o poder é distribuído como um feixe. E ocorre em todas as direções. Sendo assim, Foucault (1995) abre brechas para o entendimento do poder para além daquilo que é físico e visível, entende a estrutura de poder na sua complexidade e as vezes entende aquilo que nos passa de uma forma sutil e dócil.

Então, de acordo com este pensador, como podemos saber quem somos, se constantemente estamos recebendo poderes coercitivos? A alienação seria o não saber desses poderes coercitivos e viver de forma a pensar que isso seria o normal. Como saber quem somos, se a todo instante sanções coercitivas estão nos pressionando, nos moldando e nos tornando corpos dóceis? Dóceis para a sujeição às regras, que nos submetem a outro na exploração da mão-de-obra.

O entender tudo isso é sinônimo de estar consciente perante a sociedade, de não aceitar moldes que nos são apresentados constantemente como verdades. É estar ciente desse poder invisível e sutil, fazendo uma leitura de si mesmo, como afirma o filósofo Sócrates em dizer: conhece-te a ti mesmo, com o intuito de excluir os pormenores e salvar a essência de si mesmo.

Seguindo o pensamento Foucaultiano e reconhecendo nosso desejo de investigar as questões em torno do corpo e que aparecem em forma de linguagem (visual ou escrita), aventuramo-nos nesta investigação para entender as formas de subjetivação que emergem no meio escolar e que aparecem na escrita de J. J. Rousseau, a qual demonstra a força de sua pedagogia naturalista e afirma que o homem deturpa tudo ao redor ao seu bel prazer por amar a deformidade. “Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (ROUSSEAU, 2017, p.11). Para o autor o homem é naturalmente bom.

Não temos uma afirmação foucaultiana de que a natureza humana seria boa ou má, através de suas lentes percebemos que Foucault não menciona a bondade ou a maldade da natureza humana, mas está interessado em analisar o processo de subjetivação do corpo.

Tanto Rousseau quanto Foucault perceberam que há uma transformação histórica em relação ao corpo. “Quanto mais nos afastamos do estado de natureza, mais perdemos nossos gostos naturais; ou, antes, o hábito constitui para nós uma segunda natureza que substitui a tal ponto a primeira que nenhum de nós tem desta qualquer conhecimento”. (ROUSSEAU, 2017. p. 176).

No livro de Rousseau (Emílio ou da Educação), temos a personagem fictícia de Emílio, um órfão de família rica. O qual, o autor o tem como pupilo instigando-o ao crescimento intelectual, mas de uma forma diferente ao formato de educação vigente, propõem uma

educação negativa. O filósofo francês afirma que a alienação do cidadão está no afastamento de sua natureza - que é pura e boa. No entanto, falando de seu pupilo, afirma: “Saindo das minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem”. (ROUSSEAU, 2017, p. 15). Esta educação proposta por Rousseau mostra inserido às margens indícios de subjetivação, porque a criança tornar-se-á um corpo dócil ou um cidadão submisso as leis. Aqui podemos notar que há pressupostos de intencionalidade de subjetivação dos corpos.

Na vontade de afirmar sua tese, na forma da educação de Emílio, Rousseau o transformará num homem. Quer dizer, em um perfeito cidadão. Um protótipo de homem segundo os paradigmas vigentes.

Percebemos que a própria formação de Emílio acontece sob várias sanções, forças ou poderes que o deixa formado – um homem submisso às regras. E assim, mais uma vez a docilização dos corpos por meio da pedagogia naturalista veio à tona. Ensinar a criança através de particularidades da empiria é fazer com que ela sinta a necessidade do ensino e que a aprendizagem seja significativa. Assim a educação terá sentido para o pupilo. Além disso, assegurar uma profissão concomitantemente ao ensino não nos remete ao estado de natureza propriamente dito. É impossível a manifestação desse estado natural pela nossa constante formação.

O ser humano já não vive em seu estado natural, talvez nunca vivera. Contudo, o que importa é essa discussão acerca da nossa essência, saber quem somos talvez não nos traga a solução para o problema social, mas pode mostrar-nos o caminho a ser seguido de uma maneira mais compatível com nossa realidade. Somos, então, impulsionados pela questão humana de descobrir quem somos para entender e também, como professores, ajudar nossos alunos em suas descobertas.

O ser social que nos é apresentado atualmente está constantemente confrontando com o poder coercitivo, não há um ponto de vista sobre o corpo sem uma devida intenção. Sempre há formulações de pressupostos seja por parte do governo, da economia, etc.

A partir da leitura de Foucault (2009, 1995), podemos ver esse poder soberano como uma forma de punição, essa que vem de um rei ou na pessoa do Estado. Um mecanismo ou uma tecnologia usados para manter o povo nas conformidades da lei. E esse poder soberano se transfigura em um poder sutil.

A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase

diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens. (FOUCAULT, Michel. 2009, p. 14.)

Tomar consciência de si próprio, já é um grande avanço frente ao problema político e social. Saber desses mecanismos de controle que nos subjetiva é um pequeno passo para o entendimento do sujeito. A partir do exposto, hipotetizamos que, no âmbito da narrativa de Rousseau, a educação imputada a Emílio acirra todo um processo de subjetivação a partir do discurso de seu mestre, o que segue na linha contrária da voz de Rousseau sobre seu processo natural de amadurecimento intelectual. A pedagogia do mestre direciona o pupilo a tomar os corretos caminhos.

Podemos nos perguntar para que Emílio está sendo educado e a resposta já não é estranha a nós, sabemos perfeitamente a intencionalidade do tutor. Então, com a educação precisa de Rousseau o menino – e poderia ser qualquer menino sem problemas físicos ou mentais – está sendo bem formado para ser um futuro representante popular (monarca, ditador, presidente...).

Segundo as perspectivas de Rousseau, com a educação precisa podemos formar os cidadãos precisos. Porém, não se estende à todos. Esse pensamento rousseauiano é um tanto excludente, porque aqui não se admite pessoas que necessitam de inclusão social.

Escolhi-o entre os espíritos vulgares para mostrar o que a educação pode fazer pelo homem, todos os casos raros estão fora das regras, quando, portanto, como consequência de meus cuidados, Emílio prefere sua maneira de ser, de ver e de sentir à dos outros homens, ele tem razão. (ROUSSEAU, 2017. p.287)

Hoje, não admitimos, por hipótese alguma a exclusão. Torna-se necessário a inclusão na nossa contemporaneidade houve uma mudança de paradigma.

No artigo que ora apresentamos, pretendemos empreender uma análise a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, no que tange ao diálogo com Michel Foucault (MILANEZ, 2001). Para isso, utilizamos o livro: Emílio ou da Educação de Jean-Jacques Rousseau porque a personagem Emílio, na obra rousseauiana, carrega uma bagagem social. É um corpo social e não apenas mais um indivíduo na sociedade.

Para analisar a questão acerca da subjetivação do corpo, temos que compreender, juntamente com Foucault (2008), a formação dos enunciados. Os quais não se dão aleatoriamente, podemos dizer que é o que dá sentido a uma frase; mas não é a frase

propriamente dita. Não é simplesmente um conjunto de símbolos. Segundo o autor,

o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte: como um átomo do discurso. (FOUCAULT, 2008, p. 90).

Então, entender o enunciado é de suma importância para nossa metodologia utilizada neste artigo, não basta frase ou caracteres sem nenhuma conexão ou sem sentidos. Para uma boa interpretação, temos que elucidar os enunciados, pois esses definem e dão sentido aos discursos como uma referência sustentável.

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proporção seu valor de verdade. (FOUCAULT, 2008, p. 103).

Assim, faz-se relevante a análise de outros enunciados, encontrados no livro “*Emílio, ou da Educação*” de Rousseau como forma de elucidar nosso trabalho e pontuar de forma clara a nossa problemática.

Um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados. Essas margens se distinguem do que se entende geralmente por 'contexto' – real ou verbal - , isto é, do conjunto dos elementos de situação ou de linguagem que motivam uma formulação e lhe determinam o sentido. (FOUCAULT, Michel, 2008, p. 110).

Segundo o filósofo, o discurso sempre será um emaranhado de enunciados. O autor afirma sobre uma descontinuidade acerca da história da humanidade. A ciência e seus paradigmas sempre mantiveram suas verdades inconstantes, por isso podemos dizer que a verdade não é perpétua ou imutável, mas passageira e inconstante. Dessa forma, o que compõe os discursos também deve seguir esse mesmo pensamento. Uma vez que os enunciados compõem os discursos e esses elaboram suas teses. Por fim, nascem as ciências que iram consolidar seus enunciados.

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. (FOUCAULT. 2008, p. 112).

Para prosseguir com nossas análises, primeiramente, separaremos os excertos da obra para construir nosso *corpus*, em seguida partiremos para as análises, seguindo a perspectiva de que sempre um enunciado vem acompanhado de outros enunciados formando uma rede.

A discussão sobre a formação do sujeito e as relações como o poder e saber é de extrema necessidade. Para tanto, usamos os pressupostos foucaultianos sobre o sujeito, como também seus leitores. Analisando a tese de Rousseau numa perspectiva mais atual aos paradigmas vigentes, percebemos que naquela época, séculos XVIII e XIX talvez seria a solução para uma nova forma de ensino. Só que nos dias atuais, vimos que a intencionalidade rousseauiana em formar um pequeno monarca é concreta. Mesmo com as plausíveis metodologias usadas naquele empenho pedagógico empírico e de forma particular. “Não vos percais, portanto, em belos raciocínios para provar ao adolescente que ele é homem como os outros e está sujeito às mesmas fraquezas. Fazei com que o sinta, ou jamais o saberá” (Rousseau. 2008, p. 287 – 288). Notamos os mecanismos de poder responsáveis em formatar/formar o pequeno Emílio.

Nessa linha, pensamos na maneira como as formas de coerção manipula os gestos de comportamento do sujeito no espaço escolar. E com a filosofia de Foucault temos como intensão uma formação mais adequada aos parâmetros curriculares vigentes. Não tornando a educação uma verdadeira algazarra mas demonstrando que o aluno/a está sendo moldado/a constantemente e que há mecanismos de poder em toda parte. Que o discente tome consciência desses mecanismos coercitivos e fuja da alienação.

Análise

Em meados do século XVIII e início do século XIX, Rousseau não satisfeito com o método de ensino para as crianças propõe uma nova didática. De acordo com o filósofo francês, a criança deve ser tratada como criança e não como um adulto em miniatura. Além do mais, a educação seria pura (a aprendizagem se dá somente por exemplos palpáveis, é uma

educação simplesmente empírica) e com exemplos concretos particulares. Nada de sistemas universais como querem a maioria dos filósofos. Para ele, os livros de metafísica devem ser lançados ao fogo. De nada servem!

A pedagogia de então tinha feições positivistas, o aluno era tido como pupilo e somente tinha direito a educação aqueles que tinham condições financeiras. Assim, ensinavam-lhes astronomia, filosofia, direito e matemática. Dessa forma, Rousseau propõe uma educação negativa em relação a educação vigente. Vejamos o seguinte excerto:

1- “A primeira educação deve, portanto, ser puramente negativa. Ela não consiste em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro” (ROUSSEAU, 2017. p. 107).

Nesse momento, Rousseau está expondo que aquela educação da época não educa o homem para ser bom, assim o filósofo propõe uma educação que levaria o homem ao estado de bondade. Ao apontar que a **“A primeira educação deve, portanto, ser puramente negativa”** (Grifo meu), como podemos ler no excerto 1, o autor está dizendo de uma educação linear, assim como a história o seria. Entendemos com Foucault que não há uma história linear, mas sim uma constante quebra de paradigmas. A história jamais seria linear, o que há é sempre uma quebra de paradigma, ou seja, uma constante ruptura espaço-temporal. E o homem está sempre num processo de formação, forças coercitivas nos moldam constantemente.

Há em Rousseau, a partir de nossa leitura dos escritos de Foucault (1995), um processo de objetivação e subjetivação dos corpos. O corpo social está constantemente sendo transformado em corpos dóceis. Essa docilização diz respeito a uma sutileza do poder, na qual não se faz uso da força. Tal sutileza pode ser encontrada em todos os lugares. Veja o excerto dois:

2 – “Quanto mais nos afastamos do estado de natureza, mais perdemos nossos gostos naturais; ou, antes, o hábito constitui para nós uma segunda natureza que substitui a tal ponto a primeira que nenhum de nós tem desta qualquer conhecimento” (Rousseau, 2017. p. 176).

Foucault (1995) não estabelece qualquer estado de natureza que seja bom ou mau, mas estuda as transformações humanas acerca de nossos costumes, crenças e etc. Não faz quaisquer menções a natureza específica do ser humano, que seja boa ou má. O que é percebido por ele são manifestações sociais diferentes e em diferentes tempos. Quer dizer, o homem dentro do seu paradigma vigente age de acordo com tal verdade. Por isso, fatos acontecidos

anteriormente ditos naturais ou normais hoje nos são estranhos e anormais. Ou até vice-versa, pode ter (com certeza) fatos ditos normais hoje que poderiam ser indignos para nossos antepassados. Nessa linha, podemos afirmar que a história não é linear como lemos nos escritos de Rousseau, pelo contrário, o processo histórico da humanidade está sempre em seus descaminhos. Há um dismantelamento ou quebra – rupturas – na nossa história.

Ao propor a questão do hábito como forma de constituir uma segunda natureza humana, entendemos que essa proposta está ligada a certa linearidade do tempo e do sujeito. Esse sujeito representado pela personagem Emílio é objetivado ao estado de obediência proposto por Rousseau, como lemos no próximo excerto.

3 – “Ao sair das minhas mãos, admito que ele não será nem magistrado, nem soldado, nem padre: será primeiramente homem; tudo que um homem deve ser, ele saberá sê-lo, segundo necessidade, tanto quanto qualquer outro, e, mesmo que a fortuna o faça mudar de lugar, ele estará sempre no seu” (ROUSSEAU, 2017. p.47).

Rousseau (2017) afirma que a sociedade corrompe o ser humano e somente no estado de natureza é que temos as virtudes inatas (que são boas), pessoas colaboram entre si. Agora no estado no qual nos encontramos, não temos noções da nossa própria essência. Se somos bons ou egoístas não sabemos, porque saímos do estado natural e constantemente recebemos impressões de todos os lados desde quando nascemos. A verdadeira essência do ser humano é ser bom, logo seria capaz de exercer um cargo sublime, o de ser um bom monarca por exemplo. Um bom soberano, que zela pela qualidade de vida de seus súditos.

Foucault (1995) não sintetiza dessa forma, pois o trabalho que o ser humano tem para um provável regresso histórico seria não apenas através da educação, mas também pelo enquadramento ou paradigma social no qual se insere.

Foucault (1995) afirma que esse trabalho de docilização dos corpos nos passa de uma forma sutil. Segundo Foucault (1995), esse é um processo longo, a transformação não é particular, pelo contrário, é de forma generalizada. Vem de todos os lados, é de todos e para todos numa sincronização perfeita. Esse processo de subjetivação/objetivação perdura por muito tempo. Somos corpos obedientes às leis sociais.

No excerto 4, temos a afirmação de Rousseau (2017) acerca do que seria um processo ditatorial dessa forma de submissão que acontece por meio da educação. Aqui ele critica a educação de sua época, mas em contrapartida seu método inovador traz em sua essência toda a força coercitiva. Essa mesma sanção coercitiva que Foucault (1995) vem denunciar. Vejamos no excerto quatro:

4 – Toda nossa sabedoria consiste em preconceitos servís; todos os nossos usos são apenas sujeição, embaraço e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão: ao nascer, é costurado em um couro; ao morrer, é pregado num caixão; enquanto mantém o aspecto humano, é **acorrentado por nossas instituições.** (ROUSSEAU, 2017. p.48).

Para Foucault (1995), a escola é ao mesmo tempo um espaço social, como também um espaço disciplinador. Dessa forma, Rousseau somente aboliu o papel da escola espacial/social. Seus ensinamentos estão constantemente objetivando Emílio a um corpo dócil, aquele que entende as regras e as vivência, obedece as correntes impostas pelas instituições. Para Foucault (1995) esse poder vai além das instituições atingindo cada sujeito.

Sob os olhares foucaultianos, notamos que os ensinamentos utilizados estão repletos de mecanismos disciplinares com o objetivo de domesticar os corpos. A intenção rousseauiana é clara, pela maneira que utiliza seus novos métodos em remodelar – isso a partir do bruto, na pessoa da criança – novas subjetividades, as quais possam ser bem vistas para o funcionamento da sociedade.

Considerações finais

Foucault (1995) nos possibilita uma análise acerca do poder, na qual o poder é percebido de forma sutil. Essa sutileza é tão forte e resistente que seu hábito constante nos molda e nos transforma em outras pessoas. Pessoas dóceis, acostumadas a obedecer. Aí temos outro filósofo francês – Rousseau - que defende sua tese pedagógica acerca da educação. E não percebe que em educar seu pupilo (aluno), ele o coloca constantemente de encontro aos mecanismos disciplinadores que o força a tomada de decisões. Tais decisões já planejadas pelo seu mestre. Dessa forma, Emílio – torna-se um corpo social – vai tomando formas. Essas de acordo com as vontades do mestre.

É notório, sob as lentes foucaultianas, que o processo de objetivação traz nas entrelinhas todo um feixe de subjetividades. Essas que emergem ao encontro do que já está fundamentado, como por exemplo: uma instituição e suas leis. E, é claro que tais subjetividades nos são apresentadas, na maioria das vezes, no formato da indisciplina. Algo que está fora do convencional, das regras ou formas.

Dessa forma, o método aqui apresentado em forma de diálogo entre Foucault (1995) e Rousseau (2017) nos aponta um caminho oposto do pensamento filosófico. No qual o primeiro denuncia os mecanismos de objetivação e luta para que isso seja revelado de forma clara. Enquanto que o segundo, não importando com a subjetividade, impõe seu método de ensino e impulsiona – de todas as formas – seu aprendiz (Emílio) a tornar-se aquilo que almeja (um bom cidadão).

Esse processo de objetivação/subjetivação é espetacular e acontece a todo instante. Sabendo disso, percebemos com mais clareza o processo e o modelo social no qual estamos inseridos.

Referências

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Trad. Luís Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. VIGIAR e PUNIR: Nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. Sexualidade e Poder. In: MOTTA, Manoel Barros (org). Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos & Escritos V, p.56-76

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MILANEZ, Nilton. A possessão da subjetividade. In: SANTOS, João Bosco Cabral. Sujeito e Subjetividade: discursividades contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2009. (281-300)

_____. As aventuras do corpo dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. Tese de Doutorado, UNESP-Araraquara, 2001.

_____. Mídia e História: deslocamento do corpo, do sexo e da memória. In: FERNANDES, Cleudemar; SANTOS, João Cabral. Análise do discurso: objetos literários e midiáticos. Goiânia: Trilhas urbanas, 2006, (p. 147-161).

_____. Modos de enunciar a pele do corpo: quais lugares de onde vêm A pele que habito de Almodóvar? In: TASSO, Ismara; CAMPOS, Jefferson. Imagem e(m) discurso: a formação das modalidades enunciativas. Campinas, SP: Pontes Edições, 2015 (p. 97-118).

_____. O corpo-objeto e outros corpos: materialidades audiovisuais de zumbis. In: TASSO, Ismara; SILVA, Érica. Linguagens em discurso: a formação dos objetos. Campinas, SP: Pontes, 2014.

ROUSSEAU, J. J. Emílio, ou da Educação. trad. Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

AAR663 Araújo, Francisco Rita de
c Corpos doces e a existência de pressupostos
coercitivos / Francisco Rita de Araújo; orientadora
Jaciane Martins Ferreira . -- Iporá, 2019.
13 p.

Monografia (em Especialização em ensino de
humanidades) -- Instituto Federal Goiano, Campus
Iporá, 2019.

1. Educação . 2. Natureza. 3. Consciência. 4.
Coerção. 5. Corpos. I. , Jaciane Martins Ferreira ,
orient. II. Título.



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional | Tipo: |

Nome Completo do Autor: Francisco Rito de Araújo.
 Matrícula: 2017 205301040038
 Título do Trabalho: Corpos Dóceis E A Existência De Pressupostos Coercitivos.

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: É um artigo de conclusão do curso de Pós-graduação.

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 07/12/2019

- O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não
 O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Ipocará-GO 29/11/2019
Local Data

Francisco Rito de Araújo.

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Jociane Martins Ferreira
Assinatura do(a) orientador(a)

- ATA Nº 02/2019 DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO LATU SENSU EM ENSINO DE HUMANIDADES

Aos 18 dias do mês de junho de dois mil e dezenove, às 19 horas e 00 minutos, no **Laboratório de Humanidades** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Campus-Iporá, sito a Avenida Oeste nº 350, Parque União, saída para Piranhas – Iporá – Goiás, teve lugar a defesa de Artigo Científico, como requisito de conclusão da Pós-Graduação Latu Sensu em Ensino de Humanidades. O Artigo teve o título: **CORPOS DÓCEIS E A EXISTÊNCIA DE PRESSUPOSTOS COERCITIVOS**. Foi defendido pelo(a) aluno(a) FRANCISCO RITA DE ARAUJO. Matrícula nº 2017205301040038. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Jaciane Martins Ferreira (IF goiano-Campus Iporá), Bruno Silva de Oliveira (IF goiano-Campus Iporá) e Samuel da Costa (IF goiano-Campus Iporá), a seguir identificados:

Nome	Membros	Nota do Trab. Escrito	Nota da Apres. oral	Média
Jaciane Martins Ferreira	Presidente	9,0	9,2	9,1
Bruno Silva de Oliveira	Arguidor I	9,0	9,2	9,1
Samuel da Costa	Arguidor II	8,9	9,3	9,1
Nota Final (média aritmética das notas finais dos 03 avaliadores)				9,1

Após a apresentação, o(a) aluno(a) foi arguido pela banca examinadora e o Artigo, foi considerado como:

Aprovado com nota: 9,1, foi: () Aprovado com nota: _____ e ressalvas para correção, foi:

() Aprovado com nota: _____ e com recomendado para publicação.

Iporá, 18 de junho de 2019.

Assinatura do aluno pós-graduando: Francisco Rita de Araújo

BANCA EXAMINADORA – MEMBROS

Jaciane Martins Ferreira
Nome e assinatura do Prof. Orientador do - IF Goiano-Campus Iporá (Presidente)

Bruno Silva de Oliveira
Nome e assinatura do Prof. Membro do IF Goiano-Campus Iporá (Arguidor I)

Samuel da Costa
Nome e assinatura do Prof. Membro da IF Goiano-Campus Iporá (Arguidor II)